

## 6

**A história do Filho, revelação do Espírito**

O evento pascal, segundo Forte, é a revelação da história do Espírito.<sup>1</sup> É no Espírito que o Filho se oferece na hora da cruz. A cruz é a hora da entrega, momento em que Jesus entrega o Espírito (cf. Jo 19,30) para viver o exílio dos pecadores, o afastamento do Pai e, assim, trazer ao Pai desde os mais próximos até os mais longínquos dele. No evento pascal, o Espírito se revela, ao mesmo tempo, como aquele que é doado pelo Filho na cruz e aquele que é recebido pelo Filho na ressurreição. Se, por um lado, na cruz, o Filho entrega o Espírito ao Pai para vivenciar o exílio dos pecadores, trazendo todos ao amor do Pai, por outro, na ressurreição, o Pai entrega o Espírito ao Filho, dando nova vida ao Filho e reconciliando o mundo consigo (cf. Rm 1,4). Estes dois movimentos do Espírito na hora pascal permite, às primeiras comunidades e também a nós, perceber na vida do Nazareno este “receber” e este “doar” o Espírito. A vida de Jesus aponta para a pessoalidade do Espírito. O Senhor mostra que Ele é conduzido por Outro: sobre Ele está o *pneuma*. O termo *pneuma* se encontra 379 vezes no Novo Testamento.<sup>2</sup> Na relação entre Jesus e o Espírito podem-se encontrar basicamente dois movimentos: por um lado, a ação do Espírito Santo em Jesus, conduzindo toda a sua vida; e, por outro, a doação do Espírito por Jesus.

Neste sentido é que, neste capítulo, debruçar-se-á, em primeiro lugar, sobre a força do Espírito, presente na vida do Nazareno. Sabe-se do esforço da teologia recente em destacar a presença do Espírito na vida de Jesus de Nazaré. Com isto, pretende-se mostrar como Bruno Forte destaca tal aspecto e, retomando a Sagrada Escritura, apresenta a pessoa de Jesus como Aquele que passou por toda parte fazendo o bem, sob a condução do Espírito Santo. Assim, perceber-se-á que a unção do Espírito em Jesus foi tão determinante em sua missão que, desde as primeiras comunidades, o título “Cristo” – que significa “ungido” – foi incorporado ao nome de Jesus.

Em segundo lugar, ressaltar-se-á a doação do Espírito por parte de Jesus. Ele não é somente o ungido, mas também o doador. Mostrar-se-á que, devido à

<sup>1</sup> FORTE, B., *A Trindade como história*, p. 112s.

<sup>2</sup> DUNN, J. D. G., “Holy Spirit”, p. 265 In GASPAR, V., *Cristologia Pneumatologia in alcuni autori postconciliari (1965-1995)*, p. 35.

problemática da unidade entre Oriente e Ocidente, Bruno Forte dá também grande importância ao tema da doação do Espírito por parte de Jesus.

Em terceiro lugar, salientar-se-á que este Espírito doado e recebido é aquele que favorece, na distinção, a comunhão entre o Pai e o Filho. Sua ação realizada no ser de Deus revela a sua pessoalidade divina, que o faz receber a honra e a glória devida a Deus. Esta mesma pessoa, que é a unidade do Pai e do Filho, é, simultaneamente, a unidade entre Deus e o gênero humano.

Por fim, destacar-se-á que é por meio do Espírito Santo que Cristo se faz nosso contemporâneo. Por meio do Espírito, é possível perceber a presença do Ressuscitado na história e abrir-se ao amor do Pai, revelado na pessoa de Jesus, com suas palavras e ações salvíficas.

## 6.1

### Jesus, o ungido do Espírito

A Páscoa revela a proximidade do Espírito a Jesus de Nazaré, pois é por meio do Espírito que Jesus é ressuscitado (Rm 1,4; 8,11). Na Ressurreição, o Espírito é derramado sobre Jesus, dando a Ele vida nova. Em Jesus se cumpre a profecia: “naqueles dias derramarei o meu Espírito” (Jl 3,2). Ele é Aquele sobre o qual foi derramado o Espírito com abundância, de modo que pode ser aclamado como Senhor e Cristo: “nascido segundo a carne, foi estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 1,4). Pela ação do Espírito Santo na ressurreição, Jesus pode ser reconhecido e aclamado como Senhor e Cristo.

Bruno Forte ensina que a partir da ação do Espírito na Ressurreição se pode perceber a “singularidade” de Jesus Cristo, singularidade esta que, para ele, significa a confissão de fé no senhorio de Jesus.<sup>3</sup> De fato, vê-se o testemunho da Sagrada Escritura, a qual afirma que Jesus “veio como sumo sacerdote dos bens vindouros. Ele atravessou uma tenda maior e mais perfeita (...) entrou uma vez por todas no Santuário (...) com o próprio sangue, obtendo uma redenção eterna” (Hb 9,11-12); o justo morreu pelos injustos a fim de reconduzir todos a Deus (1Pd 3,18). “Por isso Deus o sobrexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é

<sup>3</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 306.

sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes e dos que vivem sobre a terra, e, para glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor” (Fl 2,10-11). Reconhecer o senhorio de Jesus é, portanto, crer que somente Nele o ser humano encontra a salvação. A confissão no senhorio de Jesus mostra que “não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12). Por isso, a Igreja proclama, desde o seu início, a mediação única de Cristo – único mediador entre Deus e o povo e único através do qual o ser humano é salvo.

O mistério Pascal conclama, assim, as comunidades cristãs a reler a história do Nazareno como história de salvação através da qual Deus usou de misericórdia para com o seu povo e a perceber que toda a história do Nazareno foi vivida na intimidade com o Espírito e conduzida pelo Espírito.<sup>4</sup> O Espírito Santo, que agiu na ressurreição, suscitando a confissão de fé cristológica-trinitária, agiu em Jesus durante toda sua vida.

Examine-se, de forma especial, este dado: a presença do Espírito em Jesus. Já no nascimento de Jesus se entrevê a ação do Espírito Santo: Ele é concebido pelo poder do Espírito Santo (Mt 1,18.20; Lc 1,35). Se, no início da criação, a presença do Espírito se manifestava (Gn 2,7), com a nova criação em Cristo, ela torna-se explícita, uma vez que a encarnação do Filho é obra do Espírito. Pode-se verificar isto especialmente em Mateus e Lucas. Mateus afirma, através das palavras do Anjo, que aquilo que é gerado em Maria é obra do Espírito Santo (1,20). Aqui o enfoque não está somente na força criadora e vivificante de Deus, mas, sobretudo, na “qualidade divina”: “a especificidade da nova criação está propriamente na qualidade divina da participação da humanidade na mesma vida trinitária de Deus”.<sup>5</sup> Há em Jesus algo novo que o diferencia de todos os homens, inclusive daqueles que foram conduzidos pelo Espírito de Deus, como os profetas. É possível afirmar isto com base na Sagrada Escritura, na qual, em nenhum momento, aparece outro, além de Jesus, que tenha “nascido do Espírito Santo”.<sup>6</sup> Revela-se, assim, a natureza divina de Jesus, sua relação única de filiação com o Pai.<sup>7</sup> Em Lucas, o Espírito é manifesto como cumprimento às promessas anunciadas pelos profetas. O Espírito se manifesta como potência de Deus na

<sup>4</sup> Cf. FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 112-114.

<sup>5</sup> GASPAR, V., *Cristologia Pneumatologia in alcuni autori postconciliari* (1965-1995), p. 39.

<sup>6</sup> BROWN, R., *La nascita del Messia*, pp. 82-83.

<sup>7</sup> MÜLLER, G. L., *Nato dalla Vergine Maria*, p. 60.

nova criação, que se mostra como autocomunicação definitiva de Deus ao ser humano através da encarnação-humanização de Deus, que possui uma abrangência de caráter universal.<sup>8</sup>

Não somente o início da vida do Nazareno foi marcado pela presença do Espírito, mas toda a sua vida. Em toda ela se manifesta a unidade entre Jesus e o Espírito, sobretudo, no batismo (cf. Mt 3,16-17; Mc 1,10-11; Lc 3,21-22; Jo 1,32-34). Sobre Jesus desce o Espírito em forma de pomba. Trata-se da inauguração de um novo tempo, do tempo escatológico, implantado a partir da missão de Jesus iniciada com o Batismo, às margens do Jordão. O Batismo resume a vida de Jesus, toda ela vivida como um “batismo no Espírito Santo” (cf. Mc 1,8; Mt 3,11; Lc 3,16), através do qual se manifestou sua unidade com o Pai, que o amou com predileção.<sup>9</sup>

A vida pública de Jesus foi marcada pela presença do Espírito. O Espírito impele Jesus ao deserto, onde foi tentado pelo diabo (cf. Mc 1,12; Mt 4,1; Lc 4,1), mas venceu as tentações porque estava unido ao Pai por um profundo laço de amor, que nada poderia romper. O Espírito ainda O reconduziu à Galileia (cf. Lc 4,14), onde se apresenta como o Ungido pelo Espírito para comunicar o amor do Pai (Lc 4,16-20). Tal presença do Espírito em Jesus marcou profundamente a memória cristã: “Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo pregado por João, como Deus consagrou no Espírito Santo e com potência Jesus de Nazaré” (At 10,37-38). É pela força do Espírito que Ele curava, expulsava demônios e a todos incluía no amor de Deus.

Bruno Forte ressalta que Jesus é plenamente o Ungido (o Cristo) também porque Ele é “aquele que acolheu o dom de Deus, como ninguém jamais tinha acolhido, na história de sua obediência incondicional e dedicação voluntária ao Pai.”<sup>10</sup> De fato, a Escritura atesta a livre decisão de Jesus de cumprir a vontade do Pai: “Eu descí do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6, 38). Percebe-se uma união de vontades: o Filho Encarnado, em sua plena liberdade e consciência, se propõe a realizar, através de sua vida, a vontade de Deus. Em sua humanidade, busca estar voltado para o Pai, como o fazia desde a eternidade (cf. Jo 1,1). Nele se cumpre a palavra do salmista: “Eis

<sup>8</sup> GASPAR, V., op. cit., pp. 39-40.

<sup>9</sup> Ibid., p. 41.

<sup>10</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 306.

que venho. No rolo do livro foi-me prescrito realizar tua vontade; meu Deus, eu quero ter a tua lei dentro das minhas entranhas” (Sl 40,8-9). Viveu uma liberdade tão profunda a ponto não de anular a sua vontade, mas de uni-la ao projeto salvífico do Pai:

Ele tinha a condição divina e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! (Fl 2,6-8).

Tal hino, cantado pelas comunidades cristãs desde outrora, como que contrapõe Jesus à figura de Adão, no qual se manifestou a pretensão de ser Deus e a rebeldia no lugar da obediência. Tal obediência de Jesus define toda a sua existência humana até a entrega na cruz. Note-se que esta obediência de Cristo ao Pai, sua humilhação até o “escândalo” e a “loucura da cruz”(cf. 1Cor 1,23-24), confere a Cristo o estágio de exaltação: “Por isso Deus o sobrexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho (...) e, para glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor” (Fl 2,9-11). Deste modo, com um esquema exaltação-humilhação, o hino evidencia a primazia do Pai na vida de Jesus. Apresenta o Filho em unidade de vontade com o Pai jamais vista, que expressa a sua unção singular a ponto de ser chamado “o Cristo”.

A presença do Espírito marcou a vida de Jesus do início ao fim. “No Espírito, ‘que procede do Pai’ (Jo 15,26), o Filho de Deus percorre o caminho rumo à alteridade, da história trinitária à história humana, até beber o doloroso cálice da ‘entrega’ pelos pecadores”, ou seja, da encarnação ao momento último de Jesus, dado no evento da cruz, o Espírito se fez presente, conduzindo a vida do Filho encarnado. E assim, verifica-se que “no Espírito se consuma aquele abandono de Deus por amor do mundo, a abertura mais profunda sobre o drama humano, o ‘exitus’ salvífico como êxodo de Deus na história dos ‘sem Deus’”.<sup>11</sup> O esvaziamento do Filho, testemunhado no capítulo segundo da Carta aos Filipenses, se inicia na encarnação do Filho de Deus no seio da Virgem Maria e vai até a hora em que o Filho eterno experimenta o limite da morte humana,

<sup>11</sup> FORTE, B., *A Trindade como história*, p. 113.

realizada por intermédio da pessoa divina do Espírito. Este é o agente ativo no qual se desenrola o evento salvífico. O Espírito Santo é salvação!

A percepção da unção do Espírito em Jesus contribui para que a reflexão teológica não favoreça o cristomonismo – compreensão que submete a ação do Espírito à de Cristo e que tem sérias consequências para a Igreja<sup>12</sup>. Congar apresenta como consequência do cristomonismo a “hierarcologia”: supervalorização da dimensão visível-institucional da Igreja.<sup>13</sup> Trata-se da insistência na dimensão hierárquica em detrimento da dimensão carismática-ministerial da Igreja, mas poder-se-ia ainda acrescentar a supervalorização do sacerdócio ministerial em relação ao sacerdócio comum dos fiéis ou a preferência ao “imperialismo” em rechaço à colegialidade. Diante disto, teólogos como Forte e Ladaria apresentam a importância da ênfase da presença do Espírito em Jesus, que o conduz e impele (cf. Mc 1,12; Mt 4,1s; Lc 4,14).<sup>14</sup>

Bruno Forte ensina que, ao lado de uma “cristologia do Verbo” e integrada a ela, deve estar a “cristologia do Espírito”.<sup>15</sup> A primeira destaca a encarnação do Verbo de Deus, a pré-existência de Jesus, que assume, por meio do Espírito, a condição humana. Na cristologia do Verbo, o Paráclito é, sobretudo, aquele que atualiza no tempo as funções de Cristo.<sup>16</sup> A pessoa do Filho é destacada de tal modo que o Espírito assume uma função de cooperador de Cristo. A segunda, por outro lado, valoriza a humanidade de Jesus, que, pela força do Espírito Santo, torna-se Filho de Deus no batismo e em sua glorificação.<sup>17</sup> Este “tornar-se Filho de Deus” não se trata de uma constituição divina –manifestada em determinado momento da vida de Jesus, mas se refere à vida de Jesus, totalmente voltada ao Pai e conduzida pelo Espírito Santo, que atua sobre Ele, Nele e com Ele.<sup>18</sup> O Espírito é destacado como sujeito da ação de Jesus. Ele é o princípio ativo que atua em Jesus, conduzindo-O no projeto de salvação dado pelo Pai.

<sup>12</sup> A tendência em subordinar o Espírito a Cristo está presente já no início do Cristianismo. Contra tal tendência, o Concílio de Constantinopla, em 381, afirma a mesma paridade no ser divino do Espírito com o Pai e com o doador da vida. Cf. DH 150.

<sup>13</sup> Cf. CONGAR, Y., *Le Concilie de Vaticano II*, p. 15.

<sup>14</sup> LADARIA, L., *A Trindade*, p. 157.

<sup>15</sup> FORTE, B., *A Trindade como história*, p. 113.

<sup>16</sup> Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, pp. 307-308.

<sup>17</sup> SCHOONENBERG, P. J. A. M., *El Espíritu, la Palabra y El Hijo*.

<sup>18</sup> BORDONI, M., *El Espíritu Santo y Jesús. Reflexión bíblico-sistemática* In *Estudios Trinitarios*, nº 34. 2000, pp. 3-31.

Destarte, se percebe, com Bruno Forte, a necessidade de uma verdadeira articulação entre o papel ativo e o papel passivo do Espírito Santo em relação a Jesus. A unilateralidade da tradição teológica, no trânsito das missões para as processões eternas, esqueceu-se de aspectos da economia salvífica. Faz-se necessária a ênfase da presença do Espírito em Jesus, que O conduz e impele (cf. Mc1,12; Mt 4,1s; Lc 4,14).<sup>19</sup> Resgata-se, com isto, o princípio ativo do Espírito, valorizando-se a densidade da unção na vida no Nazareno.

## 6.2

### Jesus, o doador do Espírito

Enfatizar o papel ativo do Espírito em Jesus não significa relativizar o seu papel passivo. O Espírito é aquele ofertado por Jesus. De certa forma, o derramamento do Espírito já era esperado, pois fazia parte do conteúdo mais importante das promessas do Antigo Testamento: Deus daria ao seu povo o seu Espírito de uma forma toda especial, visível e sentida por todo o mundo.<sup>20</sup> A Sagrada Escritura revela que este Espírito, que conduziu toda a vida de Jesus, também nos foi dado por Ele. Ele – que foi concebido por obra do Espírito Santo, conduzido pelo Espírito do início de sua vida até o fim e atuou com o poder do Espírito –, na cruz, entregou o Espírito.

Forte, desenvolvendo a teologia das entregas, mostra a entrega que Jesus faz do seu Espírito na cruz.<sup>21</sup> A hora da cruz, segundo Forte, é a hora do Espírito: momento em que, pela entrega do Espírito, Jesus vive a sorte dos pecadores, experimenta a profunda distância do Pai a fim de que possa resgatar todos os pecadores, todos aqueles que se encontravam afastados do Pai. Há, portanto, na entrega do Espírito uma oferta do próprio Deus, que vem, por meio do Espírito, ao encontro do ser humano, capacitando-o para abrir-se à salvação de Deus.

Jesus, Aquele sobre o qual o Espírito desce e permanece, é, também, Aquele que batiza no Espírito Santo (cf. Jo 1,32-33). Afirmar que o Espírito desce é, em primeiro lugar, atestar a procedência e o destino de Jesus: no mistério amoroso do

<sup>19</sup> LADARIA, L., *A Trindade*, p. 157.

<sup>20</sup> SCHULTE, R., O evento Cristo como obra do Pai in MS III/1, p. 72.

<sup>21</sup> FORTE, B., *A Trindade como história*, pp. 85-152.

Pai. Indica, também, que o Espírito provém do Pai, tem nele a sua origem e é enviado por ele. O texto ainda assevera que este mesmo Espírito permanece em Jesus. Indica, assim, que o Espírito “repousa” sobre o ramo oriundo do tronco de Jessé (cf. Is 11,1-2). Em Jesus se cumprem, portanto, as profecias de um novo tempo para o povo. E, por ser Aquele sobre o qual repousa o Espírito, é o único capaz de batizar no Espírito. Daí se percebe o contraste entre ele e João (Jo 1,31.33) e sua missão pode ser concebida como um “batizar no Espírito”:

Ora mediante a descida e o permanecer do Espírito em Jesus o Senhor vem revelado como o batizador no Espírito Santo, isto é, como o autor da efusão do Espírito anunciada pelos profetas. É esta a grande novidade, atribuída a Jesus, uma dignidade, uma potestade, uma função que era considerada como própria e exclusiva de Deus. O título de batizar no Espírito Santo é ao mesmo tempo revelação do Espírito e revelação de Jesus.<sup>22</sup>

E este batizar no Espírito se traduz em compartilhar daquilo que é próprio de Jesus – a Filiação divina. Ele, que é o Filho amado do Pai, convida-nos, por meio do Espírito, a inflamar os nossos corações de amor a Deus; a, através Dele, acolher a filiação do Pai, que no seu Filho amado nos adotou; a abrir-nos e bebermos desta fonte inesgotável de água viva (Jo 2,21; 7,37-38), única capaz de saciar verdadeiramente o ser humano. Desta forma, receber o Espírito Santo dado por Jesus significa comungar da vida trinitária, compartilhando, por graça, daquilo que Jesus é por natureza – Filho de Deus:

o envio do Espírito consiste em que Deus Pai se nos manifeste como Pai naquela afeição perfeita que por natureza compete ao seu Filho unigênito muito amado. Pois esta é a realidade do novo dom do Pai, que nos capacite a tratá-lo nesse Espírito como: *Abba, Pai*.<sup>23</sup>

Com isto, se a Filiação é dom que o Cristo nos oferece ao compartilharmos da sua condição de Filho, esta filiação chega a nós por meio do Espírito. Se Jesus Cristo é Aquele que nos revela o Pai, é o Espírito Santo que nos abre ao mistério da Paternidade de Deus. No Espírito o ser humano é redimido e tem a possibilidade de reconhecer, invocar e vivenciar o amor do Pai. Aquele que se revelou no passado ao povo de Israel por meio do Espírito de Cristo pode ser invocado agora como *Abba, Pai* (cf. Gl 4,4ss; Rm 8,14-17). O Espírito faz com

<sup>22</sup> FERRARO, G., *Lo Spirito e Cristo*, p. 52.

<sup>23</sup> SCHULTE, R., O evento Cristo como obra do Pai in MS III/1, p. 73.

que nos abramos para o dom da paternidade divina conferida pelo Filho único. Ele possibilita que o Pai se manifeste a nós com aquela afeição perfeita que tem para com o Filho unigênito muito amado, envolvendo-nos no seu amor paterno: “nesse Espírito Santo quer Deus Pai ser-nos Pai de maneira divinamente perfeita”.<sup>24</sup> E, assim, se entende que o envio do Espírito Santo está intimamente unido à missão salvadora do Filho, percebendo-se que este não é ‘senão’ o outro aspecto de uma obra salvífica, redentora e aperfeiçoadora de Deus Pai”.<sup>25</sup> Ele nos atesta que somos filhos de Deus e cordeiros de Cristo (cf. Rm 8,16).

A doação do Espírito por parte de Jesus é motivo de reflexão ao longo da história<sup>26</sup>. Ela toca o coração da teologia trinitária porque procura recuperar o diálogo entre a teologia do oriente e a teologia do ocidente, partindo de uma teologia econômica da Trindade a fim de balbuciar sobre a imanência do mistério. De certa forma, já no início da Igreja é confessada a fé na processão do Espírito também da parte de Jesus.

A própria Sagrada Escritura é testemunho da doação do Espírito por meio de Cristo, o qual recebe do Pai a incumbência de entregá-Lo (cf. Jo 14,26). Embora a Sagrada Escritura mostre que Jesus falou pouco sobre o Espírito Santo e nada sobre sua personalidade, com exceção da controvérsia sobre os seus milagres (Mc 3,22-30 // Mt 12,24-32 // Lc 11,15-23)<sup>27</sup>, por outro lado, mostra que este mesmo Jesus é Aquele que derrama o Espírito sobre toda carne (cf. Lc 24,49 e At 2,32). Jesus tem com o Espírito uma intimidade tal, uma relação tal, a ponto de a Escritura atestar que o Espírito derramado é Espírito de Cristo (cf. Rm 8,9; Fl 1,19; 2Cor 3,17). Com isto, se percebe que a proclamação da doação do Espírito por parte de Jesus não é um acréscimo à fé cristã, mas já se tratava de uma confissão de fé das primeiras comunidades.

Embora o Filho seja doador do Espírito, tal doação feita por Ele não pode ser vista como tendo paridade em relação à doação feita pelo Pai, que é o doador por excelência de todas as coisas. Se o Filho é também doador do Espírito é porque

<sup>24</sup> Ibid., p. 73

<sup>25</sup> Ibid., p. 72.

<sup>26</sup> Não se entra aqui na discussão propriamente dita do *Filioque* – que, embora professado no início do Cristianismo, só entrou no Símbolo em 1014, de forma unilateral, através da Igreja Latina, causando um problema com o Oriente –, mas resume-se a apresentar a positividade do *Filioque* para a doutrina trinitária.

<sup>27</sup> SCHIERSE, F. J., A revelação trinitária neotestamentária In MS II/1, p. 88.

tudo recebeu do Pai.<sup>28</sup> E esta doação primordial do Pai se dá para que o ser humano se aproprie da graça de entrar numa profunda comunhão com o próprio Deus Trino. O Espírito é “derramado pelo Pai na hora pascal, para que se realize a reconciliação, o ‘reditus’, o retorno à pátria divina prometida, em que doravante poderão entrar até os pecadores, com quem o Filho se solidarizou.”<sup>29</sup> O Pai é o primeiro agente de salvação que, por meio do seu Filho, doa o Espírito, reconciliando todas as coisas.

Há, portanto, uma doação do Espírito por parte de Jesus, mas que é subsequente a uma doação que a antecede e a possibilita – a doação do Espírito por parte do Pai. Tal primordialidade da doação do Espírito por parte do Pai é sugerida, portanto, até quando se proclama a doação do Espírito por parte do Filho. A processão do Espírito pelo Filho foi cunhada pelo termo latino *Filioque*. O *Filioque* ressalta, sobretudo, a reciprocidade entre o Pai e o Filho: tudo o que o Pai tem, comunica amorosamente ao Filho. Com isto, se assevera a primordialidade absoluta do Pai e, ao mesmo tempo, se mostra uma correspondência de amor entre ambos, uma unidade de pensamento e ações.

Se o Espírito é descoberto como o nexo de união entre o Amante e o Amado na distinção pessoal baseada na reciprocidade das relações, pode-se afirmar, analogicamente, dele que é o vínculo da Palavra e do Silêncio, a ligação de ambos em pessoa.<sup>30</sup>

Neste sentido, o Amor, que é característica de cada uma das três pessoas divinas, encontra, no Espírito, o seu repouso. O Espírito é a morada do Amor, o “lugar” no qual se realiza o amor do Pai e o amor do Filho. O Espírito é amor de silêncio que contempla e saboreia o amor doado e o amor recebido; é o Encontro entre o Silêncio, que é o Pai em seu mistério, e a Palavra, que é o seu Filho.<sup>31</sup>

Bruno Forte defende que com a fórmula do *Filioque* a teologia latina preencherá o silêncio do Símbolo niceno-constantinopolitano sobre a relação existente entre o Filho e o Espírito: “o *Filioque* entrará no Credo como que para

<sup>28</sup> “Não obstante, com razão nesta Trindade, chama-se Verbo de Deus apenas o Filho; e Dom de Deus somente o Espírito Santo; e Deus Pai somente Aquele que gerou o Verbo e do qual procede, principalmente o Espírito Santo. Acrescentei ‘principalmente’, porque é reconhecido que o Espírito Santo procede também do Filho” Ibid., 15,17,29, p. 524.

<sup>29</sup> FORTE, B., *A Trindade como história*, p. 113.

<sup>30</sup> Id., *Teologia da história*, p. 161.

<sup>31</sup> Tal tríade – Silêncio, Palavra e Encontro – é utilizada por Bruno Forte para desenvolver sua reflexão sobre a teologia da revelação, conforme apresentado no capítulo II da presente tese. Conferir, ainda, em FORTE, B., *Teologia da história*, pp. 39-201.

caracterizar a amplitude e riqueza com que a contemplação teológica do Espírito como união e paz do Amado e do Amante penetrou na espiritualidade e reflexão de fé do Ocidente.”<sup>32</sup> Neste sentido, segundo Forte, mais do que um acréscimo ao dado de fé, conforme apresenta a crítica de alguns, o *Filioque* é decorrente de uma reflexão pautada na espiritualidade que contempla o Espírito e procura dizer uma palavra acerca do Mistério. E, assim, embora o *Filioque* tenha sido acrescentado formalmente no texto do Credo em 1014, já se fazia presente na reflexão do IV século, com base escriturística.<sup>33</sup>

Convém ressaltar, no entanto, que se, por um lado, Forte percebe a importância do *Filioque* para, segundo ele, preencher a lacuna do Credo na relação entre o Filho e o Espírito, por outro lado, está atento à crítica feita pelos orientais de que o *Filioque* na prática pode ter exacerbado na supervalorização da mediação eclesial, na conceituação dos sacramentos, no objetivismo moral e na heteronomia ética; e, neste sentido, recorda o mútuo enriquecimento que pode haver no diálogo entre Ocidente e Oriente.<sup>34</sup>

Forte desenvolve sua teologia do Espírito alimentado seja pelo pulmão do Ocidente, de forma especial com Agostinho e Tomás de Aquino, seja pelo pulmão do Oriente, com os padres gregos. Destes últimos, que formularam o enunciado: “Do Pai, pelo Filho, no Espírito”, Forte apreende e ensina que o Espírito é o êxtase de Deus.<sup>35</sup> O enunciado que traduz a manifestação de Deus na economia de salvação traduz também o ser imanente de Deus.

O Espírito, ao qual é atribuída a santificação e o aperfeiçoamento da história, é o êxtase de Deus, a superabundância do amor divino, a abertura de Deus para aquilo que não é divino. É a partir dele que se pode ter a certeza de que o amor de Deus não é narcisista, voltado para si mesmo, mas é amor aberto, compartilhado. O Espírito, “exatamente por sua distinção e consistência de Pessoa (...), não encerra o Amante e o Amado no círculo do mútuo intercâmbio de ambos, mas os

<sup>32</sup> FORTE, B., *Teologia da história*, p. 160.

<sup>33</sup> Id., *Trindade como história*, p. 120.

<sup>34</sup> FORTE, B., *Teologia da história*, pp. 163-164. Sesboüé recorda que já houve, na história da Igreja, tentativas para resolver a questão da unidade entre Oriente e Ocidente em relação ao *Filioque*, como ocorreu nos Concílios de Lião (1274) e de Firenze (1439); adverte, no entanto, que o problema não é resolvido através de uma imposição unilateral. (Cf. SESBOÜÉ, B., *L'avvenire della fede*.) Nesta questão, Bruno Forte, que é membro do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos e da Comissão Mista Internacional Católico-Ortodoxa, mostra a importância de se valorizarem as duas tradições desenvolvidas no decorrer dos séculos e de se cultivar um diálogo que poderá enriquecer a ambas.

<sup>35</sup> Cf. FORTE, B., *Teologia da história*, pp. 164-168.

faz se encontrarem na fecundidade que os transcende enquanto pessoas”.<sup>36</sup> Desta forma, percebe-se que o Espírito que conduziu Jesus numa vida toda ela voltada para o Pai é também o Espírito doado pelo próprio Jesus, o Filho Unigênito que tudo recebeu do Pai. E este Espírito doado e recebido, gerador de comunhão entre as Pessoas Divinas e delas com o ser humano, é, na Trindade, a pessoa de Comunhão por excelência, Aquele que, no seio da Trindade amorosa, é o Amor, e Amor que não se resume em si, mas Amor pessoal que transborda a si mesmo, indo ao encontro do diverso dele.

Nota-se, desta forma, que Bruno Forte adverte para os dois modos da relação do Espírito com Jesus: o modo ativo, uma vez que o Espírito conduziu toda a vida de Jesus, e o modo passivo, pois o Espírito é entregue pelo Filho. Tal relação feita de dois modos diversos revela a intimidade entre Espírito e Filho e, mais ainda, o vínculo de amor que se realiza entre as pessoas divinas, e delas com o ser humano.

### 6.3

#### O Espírito como vínculo do amor

O envio do Espírito Santo, segundo a teologia fortiana, realiza-se com duas funções: “abrir o mundo de Deus ao mundo dos homens até tornar possível o ingresso do Filho no exílio dos pecadores, e unificar o dividido, como é na hora da reconciliação pascal”<sup>37</sup>.

A primeira função é a de abrir o mundo de Deus ao mundo dos homens, ou seja, de possibilitar o Advento de Deus na história humana. Deus, por meio do Espírito, pode sair de si e ir ao encontro do diverso dele; e verdadeiramente o faz por meio da encarnação do Filho, realizada por obra do Espírito Santo. O Pai não envia o Filho sem antes pneumatizar o corpo de Maria (Lc 1,35)<sup>38</sup>. É por meio do Espírito que o Verbo se faz carne e vem habitar em meio aos homens. Espírito

<sup>36</sup> Sobre este “Terceiro” aberto e fonte da vida, consultar DUQUOC, C., *Un Dio diverso*, p. 117.

<sup>37</sup> FORTE, B., *A Trindade como história*, p. 112.

<sup>38</sup> Cf. BORDONI, M., *La cristologia nell’orizzonte dello Spirito*, Queriniana, Brescia, 1995; BRAMBILLA, F. G., Il Gesù dello Spirito e lo Spirito di Gesù in *La Scuola Cattolica*, 130 (2002), pp. 161-210.

este que conduz toda a vida de Jesus Cristo, e por meio do qual aprendeu a ser obediente, deixando-se conduzir segundo os desígnios do Pai (cf. Hb 5,5-10).

À luz da ressurreição, se percebe o Espírito como uma comunhão entre o Pai e o Filho, comunhão esta que se tornou visível em todos os atos e palavras do Nazareno, de forma especial na sua entrega na cruz. O mistério da Páscoa do Filho de Deus revela a comunhão que existe em Deus: Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Tal concepção, que se pode perceber ao longo da teologia fortiana, é sustentada pela teologia de Von Balthasar:

o momento decisivo da Páscoa é tanto dividido quanto orgânico: a extrema distância entre o Pai e o Filho, que padeceu pela assunção do pecado, se inverte na extrema intimidade, mas esta intimidade era também a de sempre, porque a distância tinha sido obra da obediência trinitária de amor, em cuja reciprocidade o Pai e o Filho eram uma só coisa no Espírito.<sup>39</sup>

O momento da separação vivida entre o Pai e o Filho na cruz, o abandono que o Pai faz de Jesus na mão dos pecadores e assassinos é sinal de um “bem-querer”, de uma proximidade entre eles na intimidade vivida na eternidade. Com este mesmo argumento, Forte, como visto no capítulo II deste trabalho, percebe que há no evento da cruz uma “revelação *subcontrária*”, ou seja, uma realidade de identidade e de unidade que é vislumbrada na contradição do Abandonado na Cruz.<sup>40</sup> A entrega do Espírito por Jesus revela uma distinção entre Ele e o Pai vivida numa profunda comunhão, que, por sua vez, é proporcionada pela pessoa do Espírito Santo – a comunhão em Deus. É o Espírito o promotor da comunhão e da unidade, conforme atestam as formulações litúrgicas mais antigas: “A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” (2Cor 13,13).

Apoiado na Escritura, Agostinho formulará que “o Espírito é como uma comunhão inefável do Pai e do Filho”<sup>41</sup> e, contemplando o Espírito como esta comunhão de amor que circula entre ambos, afirmará de modo magistral: “O Espírito Santo, conforme as Sagradas Escrituras, não é somente o Espírito do Pai, nem somente o Espírito do Filho, mas de ambos. E essa certeza insinua-se a nós acerca dessa caridade mútua com que o Pai e o Filho se amam mutuamente”<sup>42</sup>. O

<sup>39</sup> VON BALTHASAR, H. U., *L'azione: Teodrammatica* 4, p. 337.

<sup>40</sup> Cf. FORTE, B., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, pp. 288-289.

<sup>41</sup> S. AGOSTINHO, *A Trin.* V,11,12, p. 205.

<sup>42</sup> *Ibid.*, XV,17,27, p. 522.

Espírito aparece, então, como amor pessoal na comunhão de amor entre o Pai e o Filho. É amor pessoal vivido no diálogo entre o Pai e o Filho, diálogo face a face no qual o amor é dado e recebido.

A teologia do Espírito de Bruno Forte é fortemente baseada na teologia agostiniana. Forte apresenta o Espírito como um vínculo da caridade divina, vínculo de unidade, de amor, que une o amante ao amado e que, sendo uma pessoa distinta, se distingue de ambos. Mostra que a teologia ocidental, preocupada em testemunhar a unidade do Deus cristão – diante do fascínio da ideia grega do Uno, por um lado, e do múltiplo, por outro, tomados, no entanto, de forma separada –, perscruta o mistério escondido de Deus numa atitude contemplativa para afirmar de forma solene a pessoalidade do Espírito como “amor dado pelo Amante e recebido pelo Amado, outro do Pai porque recebido pelo Filho, e outro do Filho porque dado pelo Pai, um só em comunhão com Eles por ser amor dado e recebido na unidade do processo do eterno amor”.<sup>43</sup>

O Espírito “é a comunhão do Amante e do Amado, que garante também a comunhão do eterno Amante com as suas criaturas e com as suas histórias de sofrimento, sem prescindir daquela do Amado, mas nele mesmo e mediante ele”.<sup>44</sup> Ele é, assim, a comunhão divina que se amplia e se estende em direção àquilo que não é divino para gerar, também, com o diverso dele, comunhão e paz. Assim, como união entre o Amante e o Amado, comunhão pessoal baseada na reciprocidade de relações, o Espírito, segundo Forte, pode ser apresentado como a categoria Encontro<sup>45</sup>. Segundo Forte, tal categoria “significa, antes de tudo, a condição para a possibilidade do intercâmbio dialogal entre a gratuidade do Gerador e a gratidão do gerado, porque sem encontro não existe comunicação profunda e real”.<sup>46</sup> O Espírito é o encontro entre dois distintos que se relacionam na alteridade e no amor; é comunhão de diferentes que, por sua vez, não elimina as diferenças; é Encontro em pessoa.<sup>47</sup>

<sup>43</sup> FORTE, B., *A essência do cristianismo*, pp. 87-89; *Teologia da História*, p. 159.

<sup>44</sup> Id., *La sicurezza che non ci deluderà mai*, p. 259.

<sup>45</sup> Aqui, basta recordar o que foi visto sobre o sentido desta categoria quando se estudou, no capítulo II, a estrutura Trinitária da Revelação.

<sup>46</sup> FORTE, B., *Teologia da história*, p. 160.

<sup>47</sup> Neste sentido, Forte se aproxima da reflexão tomista, tomando para si tal reflexão: “Pluralidade de pessoas significa pluralidade de relações subsistentes, entre si realmente distintas. A distinção real entre as relações divinas não se dá senão em razão de oposição relacional. Portanto as relações opostas pertencem a duas pessoas, relações não opostas são necessariamente da mesma pessoa. A paternidade e a filiação, enquanto relações opostas, necessariamente pertencem a duas pessoas. A paternidade subsistente é a pessoa do Pai, a filiação subsistente é a pessoa do Filho... a

Percebe-se, desta com isto, que o que define cada uma das Pessoas Divinas é a relação que elas têm entre si, em seu voltar-se uma para as outras no amor. Esta identificação das pessoas divinas é, por sua vez, visibilizada no evento pascal. No evento da Páscoa, o Espírito se manifesta como a possibilidade de Deus expressar-se a si mesmo enquanto Pai, Filho e Espírito; a autodiferenciação das pessoas divinas na cruz é expressa, na teologia fortiana, como distanciamento doloroso das pessoas divinas entre si:

O Espírito é a condição transcendente para a possibilidade de separação entre o Pai e o Filho, que não elimina a comunhão, bem como da comunhão infinita de ambos, que não anula a possibilidade do distanciamento doloroso da sexta-feira santa.<sup>48</sup>

Este distanciamento entre as pessoas divinas experimentado na cruz de Jesus é autodiferenciação das pessoas divinas, mas, ao mesmo tempo, comunhão profunda que revela o amor em Deus. Neste sentido é que Bruno Forte, retomando a doutrina de Ricardo de São Vítor, apresenta ainda outro papel do Espírito na relação entre o Pai e o Filho: é o “condilectus”, ou seja, o amado de um e de outro; o amigo, distinto do Pai porque amigo do Filho e distinto do Filho porque amigo do Pai.<sup>49</sup> Seu ser enquanto abertura do amor trinitário de Deus, enquanto oblatividade, está presente tanto na obra da criação como na obra da redenção. É, neste sentido, o “êxtase de Deus em relação ao seu ‘outro’”<sup>50</sup> e, assim, pode-se verificar a segunda função primordial do Espírito Santo.

A segunda função do envio do Espírito está na reconciliação que Deus realiza com o mundo criado, convidando o ser humano a participar do seu amor. Deus que sai de si, o faz para incluir em si. Seu sair de si significa ir ao encontro do outro criado para oferecer o seu amor, para que o ser humano, criado, como ser de acolhida, à imagem do Filho, possa desfrutar da beleza da experiência do seu amor. Trata-se do desejo de Deus de encontrar-se com aquilo considerado “não-divino” a fim de envolver tal realidade em si, numa atitude de inclusão. Tal movimento pode ser vislumbrado já no início da história da salvação, no *ruach* divino, gerador de vida (cf. Gn 1,2; Sl 33,6; 104,29s; Sb 1,7; 7,22-8,1). Este

---

espiração convém tanto à pessoa do Pai quanto à pessoa do Filho, enquanto não se opõe relacionalmente nem à paternidade nem à filiação. Por conseguinte, a processão convém à outra pessoa que é a pessoa do Espírito Santo, que procede à maneira de amor.” S. TOMAS DE AQUINO, *Suma Teol.* I Parte I, qu. 30, art. 2 In FORTE, B., *Teologia da história*, p. 162.

<sup>48</sup> FORTE, B., *Teologia da história*, p. 258.

<sup>49</sup> Id., *La sicurezza che non ci deluderà mai*, p. 259.

<sup>50</sup> Ibid., p. 259.

movimento de saída de si em direção ao outro a fim de gerar unidade é, ainda, expresso nos profetas. Estes, impulsionados pelo Espírito Santo, conclamam o povo à fidelidade à aliança, pois “a profecia jamais veio por vontade humana, mas homens, impelidos pelo Espírito Santo, falaram da parte de Deus” (2Pd 1,21; Cf. Is 61,1; Ez 2,2; Zc 7,12; 1Pd 1,11). E, ainda, a expectativa do Messias se conjuga com o futuro escatológico, que será o tempo da efusão do Espírito e tempo de novas relações (Is 11,1-9; 32,15-20; Ez 11,19-20; 37,1-14). Ou seja, verifica-se que a função de saída de si conflui na função de acolhimento, de unidade, de reconciliação e de comunhão entre Deus e aquilo que não é divino. O advento de Deus, testemunhado no envio do Filho com sua encarnação e do Espírito que vem habitar no ser humano, suscita uma resposta de adesão (Rm 8,1-13), capacita o ser humano para acolher a filiação divina e relacionar-se com o Pai de Jesus Cristo de modo íntimo e familiar (Rm 8,14-17), mostrando, assim, o Espírito como aquele que “franqueia a liberdade e unifica no amor”.<sup>51</sup> É o Espírito da Verdade (cf. Jo 14,17; 15,26; 16,13), a Verdade que liberta o ser humano de suas mazelas e o capacita para ir ao encontro do Deus que vem.

Analogamente, o Espírito é, nas relações com a criação, a garantia de que o mundo existe como diverso de Deus, sem por isso estar separado de Deus: mistério de amor humilde que acompanha o outro com fidelidade, mas o respeita em toda a dignidade e autonomia de sua alteridade.<sup>52</sup>

É no Espírito que Deus se torna próximo ao sofrimento de cada homem e de cada mulher, associando-se às suas cruzes. No Espírito, Deus assume a paixão do mundo em si, experimenta a dor e a morte, mostrando verdadeiramente o Consolador, que conhece o sofrimento por experiência:

O Espírito do Crucificado realiza o milagre desta revelação salvífica: ele é o Consolador da paixão do mundo, Aquele que proclama a verdade da história dos vencidos, confundindo a história dos vencedores. Ele vive conosco e em nós as agonias da vida, tornando presente no nosso sofrimento o sofrimento do Filho e do Pai, e por isso descerrando nele uma aurora de vida, revelação e dom do mistério de Deus.<sup>53</sup>

Há, com isto, na Páscoa um amor que se revela no coração de Deus, um amor das pessoas divinas entre si, mas também um amor das pessoas divinas para com

<sup>51</sup> Id., *A Trindade como história*, p. 114.

<sup>52</sup> Id., *Teologia da história*, p. 258.

<sup>53</sup> Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, pp. 298-299.

o ser humano, reconciliando-o, atraindo-o a si para fazê-lo participar da beleza deste amor. “Efuso sobre o Crucificado no dia da Páscoa, ele reconcilia o Pai com o Abandonado da Sexta-feira Santa e nele com a paixão do mundo.”<sup>54</sup> Por meio do Espírito, cada ser humano tem a possibilidade de associar-se ao mistério pascal e participar da graça ofertada através dele<sup>55</sup>. O Espírito é, neste sentido, o vínculo de Comunhão, de amor entre o Pai e o Filho e, ao mesmo tempo, da Trindade para conosco, o elemento pessoal de unidade em Deus e de Deus para com a humanidade. É por meio do Espírito que o Pai e o Filho “atingem efetivamente a existência humana: a Trindade entra na história e a história na Trindade”<sup>56</sup>. Mostra-se, assim, como aquele que conduz o ser humano à verdade plena (Jo 16,13) é o “Espírito da verdade, que vem do Pai (Jo 15,26) e que jorrará sobre aqueles que creem (Jo 7,38) para introduzi-los no mistério de Deus; é graças a ele que o amor é derramado no coração dos homens (cf. Rm 5,5). “No Espírito, através do Filho, o homem terá o acesso ao Pai”<sup>57</sup>.

O Espírito é a unidade entre as pessoas divinas, mas também delas com os seres humanos:

O Uno não é solidão, separação intangível, alteridade irrealizável, mas êxodo originário imanente, saída de si para dar-se ao outro e receber o outro em si, comunhão do Amante, do Amado e do Amor. E dos Três, que constituem inseparavelmente no plano profundo do ser o único de Deus, será o Gerado a encarnar-se para a pura gratuidade de amor, para que por Ele, o Amado, o Pai ame o mundo surgido dele, e o Espírito, unindo um ao outro, una também os homens a Deus.<sup>58</sup>

A pessoa do Espírito mostra-se, desta forma, como o vínculo de unidade em Deus e de Deus para com o ser humano; o Encontro de Deus com Deus e de Deus com o ser humano. Ele, portanto, abre-nos à comunhão com o Deus trino<sup>59</sup>, manifestando-se como unidade, vínculo de comunhão. Entretanto, ao caracterizar o Espírito como vínculo, encontro, poder-se-ia cair no erro de não perceber a sua pessoalidade.

<sup>54</sup> Id., *La sicurezza che non ci deluderà mai*, p. 259.

<sup>55</sup> Cf. GS 22.

<sup>56</sup> FORTE, B., *Teologia da história*, p. 184.

<sup>57</sup> Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 237.

<sup>58</sup> FORTE, B., *L'eternità nel tempo*, p. 71.

<sup>59</sup> Id., *A Trindade como história*, p. 137.

Por este motivo, convém ressaltar a pessoalidade do Encontro:

o encontro se caracteriza como “pessoal” no mais elevado grau, a tal ponto que o Espírito não é simplesmente o evento do encontrar-se eterno do Pai e do Filho, mas o Encontro em pessoa, seu amor enquanto recebido pelo Filho e doado pelo Pai.<sup>60</sup>

Descobre-se que o amor que circula entre Pai e Filho é um amor pessoal, é uma pessoa divina, a do Espírito Santo, embora o rosto de tal pessoa divina não se mostre na economia.<sup>61</sup> O Espírito mostra-se através de imagens como água, fogo, pomba, dedo... E também não aparece em certos momentos na Sagrada Escritura juntamente com o Pai e o Filho, como em 1Cor 3,22ss ou 1Cor 11,3, porque sua pessoa é a paz que faz daquelas duas realidades uma só.<sup>62</sup>

Esta pessoalidade do Espírito é vislumbrada especialmente no mistério pascal de Cristo. O Espírito doado pelo Pai e pelo Filho é, portanto, a unidade entre ambos. Assim como aconteceu na história da paixão e morte de Jesus a ‘quenose’ do Verbo, acontece também na história a ‘quenose’ do Espírito, que vem ao encontro do ser humano, tocando a sua existência e convidando-o à experiência de comunhão com o Deus Trino.

Efuso sobre o Crucificado no dia da Páscoa, ele reconcilia o Pai com o Abandonado da Sexta-feira Santa e nele com a paixão do mundo (...) “é a comunhão do Amante e do Amado, que garante também a comunhão do eterno Amante com as suas criaturas e com as suas histórias de sofrimento, sem prescindir daquela do Amado, mas nele mesmo e mediante ele”.<sup>63</sup>

Na Páscoa de Jesus, o Espírito se revela como a comunhão. Comunhão percebida na separação entre o Filho e o Pai.<sup>64</sup> Desta forma, o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de se associar ao mistério Pascal<sup>65</sup> e, assim, com o Deus Trino. A cruz de Jesus, vislumbrada à luz de sua ressurreição, torna-se o lugar por excelência deste amor pessoal e da unidade entre o Pai e o Filho. É a condição para que o Pai e o Filho possam viver a distância como proximidade. É o lugar por excelência no qual se percebe a unidade na diferenciação, a unidade na trindade de pessoas.

<sup>60</sup> Id., *Teologia da história*, p. 161.

<sup>61</sup> Sesboüé afirma que na Escritura até o Pai tem um rosto, aquele revelado por Cristo. No entanto, o Espírito é um sujeito sem rosto e sem voz. Cf. SESBOÜÉ, B., *L'avvenire della fede*, p. 54.

<sup>62</sup> S. AGOSTINHO, *A Trin.*, VI,9,10, p. 228.

<sup>63</sup> FORTE, B., *La sicurezza che non ci deluderà mai*, p. 259.

<sup>64</sup> VON BALTHASAR, H. U., *L'azione: Teodrammatica 4*, p. 337.

<sup>65</sup> GS 22.

É o Espírito que torna acessível o encontro com Cristo. Ele é o Espírito do Filho, o Consolador (cf. Gl 4,6), que possui tal intimidade com o Filho que se pode afirmar que “o Senhor é Espírito” (2Cor 3,17). Cristo é vivificado pelo Espírito (cf. 1Pd 3,18) e derrama sobre todos o seu Espírito (cf. Jo 1,33; 7,37-39; 14,16.26; 16,7; 20,22; Lc 24,49; At 1,8; 2,17-33) tornando-os pertencentes a ele (cf. Rm 8,9), Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,12s; Rm 8,15). Esta pertença a Cristo por meio do Espírito faz com que o ser humano se aproxime de Cristo e participe igualmente de sua ressurreição (cf. Rm 8,11). Sobre este vem o Espírito de Cristo (cf. Rm 8,9; Fl 1,9).

Este mesmo Espírito nos torna filhos de Deus (cf. Rm 8,14.16) e nos conduz ao encontro com o Pai (Gl 4,6; Rm 8,15) – encontro no qual é derramado sobre nós, por meio do Espírito, o amor do Pai (cf. Rm 5,5). Se Jesus Cristo é Aquele que nos revela o Pai, o Espírito Santo é aquele que nos abre ao mistério da Paternidade de Deus. Ele, que clama em nós “*Abba, ó Pai*”, é que nos torna verdadeiramente filhos do mesmo Pai em Cristo (cf. 1Jo 3,1; 1Jo 4-5).

Se o Espírito Santo é o amor divinamente perfeito, que existe pessoalmente ‘entre’ Deus Pai e Deus Filho, e se Deus Pai nos conferiu justamente esse Espírito, é nele que nós participamos na plenitude da vida intratrinitária, e de maneira tão intensa que somos capacitados nesse mesmo Espírito como o Espírito do Filho (cf. Gl 4,6), a conhecer e amar a Deus Pai como sendo realmente nosso Pai.<sup>66</sup>

Desta forma, percebe-se que o Espírito não apenas indica que somos filhos de Deus, mas é ele próprio que faz com que esta filiação nos alcance e possibilita-nos viver tal condição. É ele que, conhecendo nossa frágil condição, vem ao nosso socorro e ora em nós (cf. Rm 8,26). A filiação de Deus nos alcançou e, ainda, recebemos a capacitação para sermos filhos por meio do Espírito.

O Espírito ainda nos faz abrir-nos a ele próprio. Possibilita-nos o encontro com ele, o Consolador, que concede ao ser humano a virtude da esperança (cf. Rm 15,13), dom do Pai (cf. 2Ts 2,16) que renova plenamente o ser humano (Rm 8,23). O encontro com o Mistério do Deus santo é, neste sentido, proporcionado graças ao Espírito:

O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam. A nós, porém, Deus o

<sup>66</sup> SCHULTE, R., O evento Cristo como obra do Pai In *MS III/1*, p. 73.

revelou pelo Espírito. Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus (1Cor 2,9s).

É por meio do Espírito que nos é permitido o acesso ao Deus Trino e o conhecimento de sua graça (cf. 1Cor 2,12). Neste sentido, é possível afirmar que, da mesma forma que o Espírito é o encontro amoroso entre as pessoas divinas, é também o encontro amoroso entre Deus e o ser humano. Ele é, portanto, aquele que leva a cabo a missão do Redentor, tornando possível o acesso por Cristo ao Pai:

A missão do Filho culmina no envio do Espírito: ele torna possível por Cristo o acesso ao Pai. Como o Pai pelo Filho vem ao homem no Espírito, assim o homem no Espírito pelo Filho pode então acessar o Pai: o movimento de descida consente um movimento de subida, em um círculo de unidade.<sup>67</sup>

A missão de unidade do Espírito Santo mostra, então, a necessidade de articulação entre a cristologia e a pneumatologia.<sup>68</sup> De fato, é o Espírito que possibilita, em todo tempo histórico, à abertura ao Evangelho de Cristo, que é a proximidade do Pai:

A economia da Palavra não é tudo: ela se completa somente mediante o seu relacionamento com a economia do Espírito. O envio do Verbo continuaria mudo se não existisse o do Espírito, que não é somente recordação viva da Palavra, a atualização de Cristo no tempo, mas também, graças a este seu papel, mediante ele, é quem ‘vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras (Jo 16,13).<sup>69</sup>

É o Espírito que atualiza no tempo as palavras de Cristo e direciona o mundo ao seu fim escatológico. A cristologia necessariamente deverá ser pneumática, perceber que Jesus de Nazaré é o ungido pelo Espírito Santo e com poder e que na Páscoa derramou o seu Espírito sobre toda carne. Mas, ao mesmo tempo, a pneumatologia, mais do que um tratado que discorra sobre a pessoa do Espírito, deverá ser uma doutrina que exponha a revelação do Espírito na vida do Nazareno, que, no Espírito, viveu para o Pai, como também deverá tratar sobre a graça realizada por meio do Espírito que é a comunhão com o Deus Trino.

<sup>67</sup> FORTE, B., *La Chiesa della Trinità*, p. 70.

<sup>68</sup> A cristologia do Espírito deve ser conjugada com a pneumatologia cristocêntrica. Cf. BORDONI, M., *La cristologia nell'orizzonte dello Spirito*; BRAMBILLA, F. G., *Il Gesù dello Spirito e lo Spirito di Gesù in La Scuola Cattolica*, 130 (2002), pp. 161-210.

<sup>69</sup> FORTE, B., *Teologia da história*, p. 157.

Somente na ligação entre cristologia e pneumatologia é possível ilustrar teologicamente o paradoxo cristão da singularidade-universalidade de Jesus Cristo, o qual não tem verdadeira singularidade sem ação do Espírito Santo (assim como não tem encarnação sem o Espírito Santo) e nem menos tem presença do Espírito Santo, como pessoa trinitária, na universalidade da história, sem o evento singular cristológico.<sup>70</sup>

## 6.4

### O Espírito e a contemporaneidade de Cristo

O evento pascal, que revela a personalidade do Espírito, por outro lado, mostra que é pela presença do Espírito que o ser humano pode acolher a salvação realizada nele. É por meio do Espírito que a confissão de fé em Cristo se torna possível. Conhecer a Cristo significa experimentar, no “hoje” de nossa existência, a sua presença e alegrar-se com esta. Bruno Forte diz que “o verdadeiro conhecimento de Cristo é a experiência do bem que ele é para nós, e dos frutos de vida plena que, dele, glorificado pelo Pai, promanam para aqueles que o acolhem na audácia da fé.”<sup>71</sup> Com isto, Bruno Forte ensina que o conhecimento da pessoa de Cristo não é fruto de uma abstração intelectual, mas de uma experiência com o Ressuscitado, do bem que Ele realiza na história pessoal daquele que se abre ao dom da fé. Trata-se de uma experiência com o Ressuscitado que se faz acessível no “hoje” de nossa existência, possibilitando um conhecimento a partir não só de uma teoria, mas de um encontro real com sua pessoa. Trata-se de uma experiência subjetiva, ou seja, que não é imposta teoricamente de fora para dentro, mas uma experiência que o ser humano faz no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, saboreando a sua presença benéfica.<sup>72</sup>

<sup>70</sup> CANOBBIO, G.; CODA, P., *La teologia del XX secolo un bilancio*, p. 21.

<sup>71</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 326.

<sup>72</sup> A Conferência Latino-Americana de Aparecida fez um grande trabalho neste sentido, mostrando que a fé cristã não é fruto de uma abstração, mas de um encontro vital com o Ressuscitado. O Documento final mostra que é deste encontro vital com o Ressuscitado que nascem a fé e a alegria de ser discípulo, que, por sua vez, devem ser contagiantes a ponto de fazer com que mais pessoas possam fazer a mesma experiência. Significativo, neste sentido, apresenta-se o n. 29 do mesmo documento: “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DA 29). Através desta perspectiva, pode-se perceber a urgência de possibilitar aos homens e mulheres de hoje fazer esta experiência com o Senhor ressuscitado, que lhes abre uma nova perspectiva de vida, sendo eles não-batizados ou até mesmo batizados.

Bruno Forte afirma que este encontro com o Ressuscitado em nossa história atual é possível através do Espírito Santo, pautando-se na experiência das comunidades das origens.<sup>73</sup> Segundo ele, elas testemunham que é pela presença do Espírito que nos é possibilitado perceber a contemporaneidade de Cristo. Elas afirmam que Aquele que recebeu o Espírito está “vivo no Espírito” (1Pd 3,18) e, “exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou” (At 2,33). Este Espírito derramado é o Espírito de Cristo (cf. Rm 8,9; Fl 1,19), o Espírito do Filho (cf. Gl 4,6). Em certa passagem, esta relação mostra-se tão íntima a ponto de afirmar: “O Senhor é Espírito” (2Cor 3,17). É o Espírito que nos lança em direção a Cristo, nos garantindo também o mesmo destino de Jesus: “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (cf. Rm 8,11). É mediante o Espírito que nos tornamos filhos de Deus: “Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). Ele faz do nosso corpo sua morada (cf. 1Cor 3,16; 6,19; Rm 8,9) e age na Igreja inteira (At 2; 9,31; 20,28) fazendo dela o Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,12-13).

A partir desta fundamentação bíblica, Bruno Forte afirma que, ao lado de uma cristologia do Espírito, que vê Jesus como aquele guiado pelo Espírito, completando-a, deve caminhar uma “cristologia do Verbo”, cristologia que, segundo ele, tem como função principal atualizar no tempo a obra de Cristo.<sup>74</sup> Através dela, vê-se o Espírito como aquele que une o passado ao presente, atualizando em nosso presente a revelação realizada em Jesus Cristo.<sup>75</sup> É através do Espírito que nos encontramos com Jesus, percebendo a atuação dele na nossa história. É no Espírito Santo que o presente, o passado e o futuro ganham sentido em Cristo Jesus. É no Espírito Santo que acolhemos a salvação realizada em Jesus, nos abrindo à gratuidade do amor: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

<sup>73</sup> Sobre o que se segue, consultar: FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 327ss.

<sup>74</sup> Cf. FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 328.

<sup>75</sup> Para esta reflexão o autor se apoia em MÜHLEN, H., O evento Cristo como obra do Espírito Santo In *MS III/8*. Mühlen apresenta o Espírito como aquele pelo qual entramos em relação com Cristo: “com Cristo não entramos em relação a não ser por intermédio de seu Espírito, de modo que a experiência do Espírito (a experiência da mediação que se medeia a si própria) é, não formalmente, mas materialmente, experiência de Cristo” (p. 7). Segundo o autor, o Espírito é a “própria imediatidade de nossa relação pessoal com Cristo” (p. 16).

O Espírito, neste sentido, abre-nos à graça de Cristo, possibilitando-nos acolher, no “hoje” de nossa existência, a salvação realizada em Jesus Cristo. Ele “estende a toda hora do tempo a possibilidade, humanamente ‘impossível’, que a graça do Pai abriu para o homem com a obra e o destino de Jesus Cristo”.<sup>76</sup> Desta forma, aquela salvação realizada em determinado tempo histórico não fica obsoleta, mas, ao contrário, se refere a todos os tempos, uma vez que todos os homens e mulheres, por meio do Espírito, têm a possibilidade de, no seu tempo histórico, acolher esta salvação. Por meio do Espírito, presente, passado e futuro encontram o seu verdadeiro sentido:

No Senhor Jesus, representado pelo Espírito, o Pai toma posição: face ao passado do pecador, perdando-o; diante do seu presente, unindo-o a si no dom de sua vida; e com relação ao seu futuro, prometendo-lhe a vida eterna e empenhando-se em construí-la junto com ele.<sup>77</sup>

É mediante o Espírito Santo que a pessoa adere à presença de Jesus, que veio trazer a salvação do Pai, na sua existência.<sup>78</sup> Bruno Forte ensina que a contemporaneidade de Cristo na nossa história, que nos permite perceber a ação de Cristo e acolher sua salvação em nossa história, é possível somente pelo Espírito Santo. É ele que permite que a fé cristã não seja uma mera recordação do passado, de uma história de vida exemplar, mas nos possibilita entrar em relação com o Sujeito desta história, acolhendo sua salvação por meio de uma experiência pessoal: “Sem o Espírito, a fé não seria mais do que uma piedosa recordação: Pelo Espírito ela é a experiência do Vivente, capaz de mudar a vida do homem no seu presente concreto”<sup>79</sup>. A experiência do Espírito possibilita o encontro da pessoa com Jesus Cristo, encontro que faz dela uma nova criatura, que dá sentido à sua história e que lhe abre um novo horizonte a ser vivenciado. Através do Espírito, a presença de Cristo se torna contemporânea e disponível a novas experiências. É ele que permite que o acontecimento da Páscoa tenha a sua força em nossos dias, transformando a história daqueles que se encontram com o Senhor.

<sup>76</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 330.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 330.

<sup>78</sup> Duquoc vê ainda o Espírito como ligação entre Cristo e os homens: “O verdadeiro vínculo existente entre Cristo e os homens, definitivamente é estabelecido pelo Espírito Santo” in *Cristologia*, Brescia 1972, p. 239. É por meio do Espírito que se abre a presença de Cristo. Ele é o Espírito do Filho (Gl 4,6), o Espírito de Cristo (cf. Rm 8,9; Fl 1,19). Ele é aquele pelo qual Cristo foi vivificado (1Pd 3,18) e que vive tamanha comunhão com o Filho a ponto de se poder dizer “quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele” (cf. Rm 8,9).

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 332.

Uma vez que se tem claro que a presença de Cristo não está somente disponível em determinado tempo histórico, resta averiguar como o autor apresenta a possibilidade de, em nosso tempo presente, nos encontrarmos com o Vivente e quais os caminhos que ele apresenta para tal experiência.<sup>80</sup>

Um primeiro caminho que Bruno Forte apresenta é a Palavra de Deus na transmissão viva da Igreja. Ela é força, dinamismo, ação que vai ao encontro dos corações dos homens e mulheres, produzindo aquilo que diz (cf. Sl 33,9; Sb 9,1; Is 55,10s). Ela é viva e eficaz (cf. Hb 4,12). É Palavra de salvação (At 13,26), é o próprio Deus que vem a nós, nos dirigindo sua palavra: “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória” (Jo 1,14). Jesus é a Palavra de Deus que veio ao nosso encontro. Ele é “aquele que Deus enviou (que) fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida” (Jo 3,34), e que comunica a vida plena aos homens (Jo 10,10). Esta Palavra de Deus se faz hoje acessível graças à transmissão viva da Igreja. Ela é a guardiã deste tesouro e a facilitadora para que a Palavra chegue aos corações dos homens e mulheres. Através da Palavra na Igreja é que somos convidados a fazer a experiência de fé em Jesus (cf. Rm 10,17). Ela faz ressoar hoje a voz de Jesus que convida ao seu seguimento. Escutar a Palavra na Igreja é escutar o próprio Cristo, assim como desprezá-la é desprezar a presença dele mesmo (cf. Lc 10,16), fazendo-se inimigo da cruz de Cristo (Fl 3,18). É através da Palavra, transmitida de modo eficaz na Tradição da Igreja, que o Ressuscitado se torna contemporâneo a nós, subvertendo e salvando nossas vidas. A Tradição faz com que a Palavra de Deus possa ser compreendida por nós, de modo que Cristo possa, por meio dela, falar hoje aos nossos corações.<sup>81</sup> Por meio da Tradição eclesial, é possível que a Palavra de Deus se torne compreendida e se opere o encontro com Cristo na história presente. O Cristo, por meio de sua Palavra, continua hoje a falar com os seres humanos, convidando-os ao seu seguimento. Sua palavra é atual e capaz de produzir nos ouvintes uma resposta com poder de mudar suas vidas.

<sup>80</sup> Sobre o que se segue, consultar FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, pp. 336-350.

<sup>81</sup> “Esta mesma Tradição mostra à Igreja quais são exatamente todos os Livros Sagrados [o cânone da Bíblia] e faz compreender mais profundamente, na Igreja, esta mesma Sagrada Escritura e torna-a operante sem cessar. Assim Deus, que outrora falou, continua sempre a falar com a Esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo, pelo qual ressoa a voz viva do Evangelho na Igreja, e por ela, no mundo, introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cf. Cl 3,16)” DV 8.

Um segundo caminho que o autor apresenta para que se perceba a contemporaneidade de Cristo são os “sinais dos tempos”. Trata-se de identificar, nos acontecimentos da história humana, a presença e a voz do Ressuscitado, ensinando o Caminho. O próprio Jesus convida seus discípulos a estar atentos aos “sinais dos tempos”:

Ao entardecer dizeis: Vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: Hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não podeis! (Mt 16,2)

Trata-se de um convite a perceber, diante da ambiguidade dos acontecimentos históricos e mediante a um sério discernimento, a presença e a vontade de Deus, que grita através dos fatos históricos. Este discernimento só poderá ser realizado, como apresenta Forte, mediante o confronto entre a vida e a Palavra, pois “não lerá o Evangelho na história quem não souber ler a história no Evangelho!”<sup>82</sup> Esta sua afirmação é pautada nos documentos do Concílio Vaticano II que apontam a necessidade da inserção da Igreja no mundo, contribuindo para que, guiada pela luz da Palavra de Deus, possa interpretar os acontecimentos do mundo.<sup>83</sup>

Bruno Forte, em sintonia com aquilo que é apresentado no Concílio Vaticano II, apresenta a necessidade da integração entre fé e vida, apontando que a fé não corresponde apenas ao encontro futuro do ser humano com Cristo, mas, também, ao encontro com Ele que é realizado na história humana, na qual o Cristo se faz presente e acessível aos homens. Somos convidados a perceber esta presença de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, nos acontecimentos da vida humana e à luz do Espírito Santo, para bem discerni-los.

Este discernimento, conforme recorda Bruno Forte, necessita de muita cautela, uma vez que não está isento do equívoco de cair em um “otimismo fácil, que abrace as propostas do tempo sem sujeitá-las ao crivo rigoroso do escândalo cristão”<sup>84</sup>. Isto significa não divinizar os acontecimentos deste mundo e perceber que nem sempre são realizados segundo a vontade divina e, por isso, necessitados de transformação. Esta cautela permitirá analisar o tempo presente à luz do

<sup>82</sup> Ibid., p. 337.

<sup>83</sup> “É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado à cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” GS 4. Ver, ainda, *Apostolicam Actuositatem* 14 e *Presbyterorum ordinis* 9.

<sup>84</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 337.

Evangelho, sabendo, na transitoriedade do tempo presente, ter a coragem de fazer “afirmações provisórias e críveis, sempre abertas à contestação de Deus”.<sup>85</sup> Com isto, a Igreja se coloca ao lado dos homens e mulheres, crentes ou não, procurando, através de um diálogo prudente e sincero, discernir as atividades humanas e contribuir para a reta construção do mundo.<sup>86</sup>

Um terceiro caminho para a atestação da contemporaneidade de Cristo está no testemunho do amor, tão necessário. “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhastes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36). Jesus se faz presente hoje no faminto, nos que têm sede, nos pobres, nos sofredores e marginalizados, nas crianças, nos últimos. Ele mesmo diz: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Os sofredores e excluídos refletem a presença de Cristo sofredor em nosso mundo: “Os pobres são, neste sentido, o rosto do Senhor, crucificado na história!”<sup>87</sup> Bruno Forte vê, ainda, a presença de Cristo não somente naqueles que estão sofrendo, mas, também, no próprio gesto de solidariedade: “Quem responde à fome e sede dos últimos com amor livre e libertador, torna-se ele mesmo o evangelho vivo, a Palavra escrita não sobre tábuas de pedra, mas na carne dos homens (cf. 2Cor 3,3). Quem é solidário para com aqueles que estão no caminho sofrendo com as dificuldades da vida se torna a presença de Cristo hoje (Lc 10,29-37).

A ação solidária se apresenta como até mais importante do que as próprias reflexões cristológicas: “Um só ato de solidariedade para com eles, uma só hora gasta com generosidade desinteressada no serviço às classes oprimidas revela mais a respeito de Cristo do que toda reflexão abstrata e sem amor.”<sup>88</sup> O testemunho de solidariedade mostra-se fundamental, neste sentido, para a Cristologia. Esta terá seu valor se articulada com a vida, sendo solidária para com o povo excluído e marginalizado. A solidariedade, cuja importância o autor destaca, é o elemento fundamental que assegura o discipulado de Cristo: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). O amor de Cristo por nós, que precede a qualquer ação de nossa parte,

<sup>85</sup> Ibid., p. 338.

<sup>86</sup> cf. GS 21.

<sup>87</sup> Ibid., p. 338.

<sup>88</sup> Ibid., p. 338.

nos impele ao amor aos irmãos, nos tornando capazes de amar (cf. 1Jo 4,7ss). Neste sentido, quem experimenta o amor de Deus na sua vida recebe a força necessária para amar o irmão que está diante dele. Este amor há de ser, como recorda Bruno Forte, um amor concreto, amor a quem está ao nosso lado, pois

o amor universal, compreendido como amor abstrato pelos outros por amor a Deus, corre o risco de uma mentira: só quem ama concretamente o próximo que Deus colocou ao seu lado ama como Cristo nos amou e nos pediu que amássemos. Aquele que ama a “todos” facilmente não ama ninguém; aquele que ama aos “seus” (o povo pobre e necessitado de amor ou rico de si e fechado ao amor, que constitui o seu mundo) torna-se também capaz de amar a “todos”.<sup>89</sup>

O amor universal que se proclama no evangelho, portanto, não é um amor abstrato, mas um amor que se reflete no amor ao próximo. O amor concreto, de forma especial àqueles excluídos, se apresenta como “um verdadeiro ‘sacramento’ do encontro com ele, lugar de revelação e salvação”.<sup>90</sup> Aqui, o autor concorda com o teólogo brasileiro Leonardo Boff, quando este escreve: “sem o sacramento do irmão, ninguém pode salvar-se”.<sup>91</sup> O irmão que se apresenta diante de nós nos revela a transcendência; encontramos, através do irmão, o próprio Deus. A solidariedade, o amor para com o irmão que está diante de nós se apresenta como caminho para se encontrar a presença de Cristo em nossos dias.

Outro caminho que se pode observar nos textos de Bruno Forte, através do qual é possível perceber a contemporaneidade de Cristo, é a Igreja. O Cristo ressuscitado reina na sua Igreja. Seu Espírito permanece na comunidade eclesial (cf. At 2,4; 8,18.39; 9,31; 10,19.44; 11,12; 13,2; 16,7; 19,6; 20,23). A comunidade cristã se torna o “lugar” por excelência onde a salvação de Cristo é comunicada. Bruno Forte diz que a expressão “*Extra Ecclesiam nulla salus*”, que levou muitos a certa intolerância religiosa e, ao mesmo tempo, impulsionou a comunidade à missão, ajuda, neste sentido, a perceber a importância da Igreja, uma vez que “não há salvação fora da comunhão com o Espírito de Cristo, que constitui a essência do mistério da Igreja; mas não se exclui que a comunhão se realize por vias que não passam através da mediação eclesial visível”<sup>92</sup>, o que significa perceber que a Igreja, embora unida a Cristo e manifestando a sua realidade, não é o Cristo e nem se identifica com o Reino de Cristo, mas é apenas o

<sup>89</sup> Ibid., p. 339.

<sup>90</sup> Ibid., p. 339.

<sup>91</sup> BOFF, L., *Jesus Cristo Libertador*, p. 161.

<sup>92</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 341.

seu início, o reino presente “em mistério” (cf. LG 3). Pautado na Sagrada Escritura, Forte recorda que a *Koinonia* com o Deus trinitário é a finalidade da boa nova e esta se exprime na comunhão dos cristãos: (1Jo 1,2)<sup>93</sup> O cristão é chamado, por meio do Espírito, à comunhão com o Pai e o Filho: “a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,3). O Espírito é o vínculo de comunhão interpessoal na Trindade e das pessoas divinas com os seres humanos (2Cor 13,13). É, desta forma, o “princípio ativo e dinâmico da *koinonia*”.<sup>94</sup> Percebe-se, através das fórmulas litúrgicas, que, desde as origens cristãs, a comunhão é afirmada como obra do Espírito: “a comunhão do Espírito Santo” (2Cor 13,13). De modo semelhante ao que realiza na Trindade, o Espírito é aquele que promove a comunhão do ser humano com Deus. Por meio do Espírito, o ser humano tem a graça de participar na vida do Deus de Jesus Cristo.

A comunhão escatológica com o Deus Trinitário é a razão de ser da Igreja, que vive esta comunhão nutrida pelo banquete eucarístico e expressando-a na comunhão fraterna como antecipação da glória futura (1Pd 5,1)... A comunhão com Deus realizada a partir do encontro pessoal com Cristo é vivida na comunhão eclesial: “Se caminhamos na luz como ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros” (1Jo 1,7). A fraternidade experimentada na comunidade cristã é fruto da comunhão com Deus e expressão desta. Tuni Vancels mostra como a comunhão vivida na Igreja é possibilitada por meio da comunhão com a Trindade. Ao explicitar o “como” do mandamento novo do amor, assinala a potencialidade que a comunhão com o Deus Trino fornece ao ser humano para vivenciar o amor no cotidiano de sua existência.<sup>95</sup>

o encontro da graça completado no Filho encarnado deverá atualizar-se no tempo em cada criatura. Percebe-se aqui em particular o papel do Espírito Santo, cuja missão histórica não é só aquela de encher com a própria unção o Verbo feito carne, mas também aquela de alcançar cada homem com a graça do Redentor, rendendo presente o Crucificado Ressuscitado em cada situação humana.<sup>96</sup>

E aqui se entende porque Bruno Forte desenvolve a teologia do Espírito Santo, sobretudo em relação à Igreja. Para ele, “A Igreja, comunidade da

<sup>93</sup> Id., *La Chiesa della Trinità*, p. 160.

<sup>94</sup> FRANCO, E., *Comunione e partecipazione*.

<sup>95</sup> Cf. JOSEP-O, T. V., *Jesús y el evangelio en la comunidad juánica: introducción a la lectura cristiana del evangelio de Juan*.

<sup>96</sup> FORTE, B., *L'eternità nel tempo*, p. 192.

salvação, é o lugar privilegiado do Espírito, e por isso é o sacramento de Cristo.”<sup>97</sup> Nela age a graça do Espírito, que redime a existência humana, justificando o ser humano e fazendo-o uma nova criatura. E o faz mediante os sacramentos, que tocam o ser humano na sua interioridade mais profunda e no esplendor da sua exterioridade.<sup>98</sup> Os sacramentos são o fazer-se próximo de Cristo no Espírito a uma pessoa determinada, em uma situação e em uma necessidade específica de sua existência.<sup>99</sup> O ser humano que recebe os sacramentos, abre-se a um encontro subversivo com Cristo realizado pelo Espírito Santo. Realiza-se, naquele que recebe o sacramento, uma transformação interior, que diz respeito ao modo de percepção da realidade, mas que diz respeito também ao seu colocar-se diante do mundo. Tal reflexão serve como sustento para o discurso sobre o agir cristão na América Latina, que conclama os batizados à promoção da justiça social empenhando-se na transformação da realidade.<sup>100</sup>

A presença de Cristo se dá tanto na Igreja como também no mundo. No entanto, na Igreja os cristãos reconhecem esta presença (ao contrário dos demais) e participam de alguma forma do Reino de Cristo que vai acontecer de modo pleno no futuro. A Igreja de Cristo fica, assim, convidada a se colocar no mundo como peregrina, aberta ao futuro de Deus, que a ajudará a se colocar no mundo criticamente, “no anúncio do Reino que há de vir e no testemunho de um empenho de amor pelas classes oprimidas”<sup>101</sup>, lembrando a transitoriedade e a ambiguidade da ordem política. A Igreja, desta forma, manifesta o Cristo Profeta, que anuncia a vontade do Pai, denunciando todo o sistema que fere a vida humana (cf. At 3,22). A Igreja realizará, seja na sociedade, seja em si mesma, a presença de Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir (cf. Mc 10,45), assumindo uma atitude de despojamento e serviço. Estará no mundo como o Cristo Pobre, que, por causa de nós, se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Conduzida pelo Espírito, despojada e servidora, ela saberá valorizar a diversidade ministerial e carismática que possui (cf. 1Cor 12,4-7), reconhecendo a presença do próprio Cristo a conduzi-la (cf. Cl 1,18).

<sup>97</sup> Ibid., p. 192.

<sup>98</sup> Cf. Ibid., p. 197.

<sup>99</sup> Ibid., p. 199.

<sup>100</sup> Ver, sobretudo, os Documentos de Medellín e Puebla.

<sup>101</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 342.

A Igreja, desta forma, se apresenta como o sacramento de Cristo no mundo. Ela “é o sacramento de Cristo, como Cristo é o sacramento de Deus”, “lugar visível da irrupção do dom de Deus no tempo”, “sinal e o instrumento privilegiado da obra do Espírito na história”<sup>102</sup>. Por meio dela, o Cristo se manifesta e se torna acessível. Cristo, o sacramento do Pai, se faz acessível através de sua Igreja, que é seu sacramento.

Bruno Forte apresenta, na economia sacramental da Igreja, a oportunidade do encontro vivificante com Cristo. Este encontro se torna possível desde o primeiro instante de vida humana até o seu término, passando pelos seus vários momentos, sejam de dor ou de alegria, nas quedas ou nas conquistas. A sacramentalidade da Igreja se manifesta, de modo mais alto, na celebração eucarística. “Celebrando o memorial do Senhor, a Igreja se torna disponível à ação do Espírito, que torna presente, na diversidade dos tempos e dos lugares, o evento da salvação, objeto da boa-nova”<sup>103</sup>. Através da eucaristia, não só lembramos um ato passado, da última ceia de Jesus com seus apóstolos, mas atualizamos, na contemporaneidade, a presença de Cristo: aquele acontecimento dado no passado se torna contemporâneo da comunidade que o celebra através de uma força divina. A Eucaristia, cume para o qual tende toda a ação da Igreja e fonte de onde emana toda sua força<sup>104</sup>, é o sacramento da unidade que nos une a Cristo e aos irmãos.<sup>105</sup> Ela celebra a entrega de Jesus, pela qual ele reconciliou os homens com o Pai e entre si e nos deu a participação na vida divina. Na celebração eucarística, o Espírito torna presente o Cristo morto e ressuscitado; e não somente, mas também dá vida aos membros do Corpo eclesial.<sup>106</sup> Por este sacramento, os fiéis são agregados em Cristo e entre si num laço de fraternidade, representado pelo próprio gesto de partilhar o pão e o cálice.<sup>107</sup> À eucaristia estão orientados o batismo e os demais sacramentos pelos quais os fiéis são associados ao mistério de Cristo e realizam, nas suas diversas situações de vida, o encontro com o Ressuscitado.<sup>108</sup>

<sup>102</sup> Id., *Introdução à fé*, p. 70.

<sup>103</sup> Id., *Eucaristia e evangelização* in REB, vol. 40, p. 264.

<sup>104</sup> SC 10.

<sup>105</sup> UR 2.

<sup>106</sup> Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, pp. 347-348.

<sup>107</sup> Id., *Eucaristia e evangelização* in REB, vol. 40, p. 265.

<sup>108</sup> “Por meio do batismo, em nome da Trindade, o Espírito une a Cristo os batizados e os enriquece com os seus dons (...) pelo sacramento da confirmação, que sigila a maturidade da testemunha, pelo sacramento do perdão, que remite os pecados cometidos depois do batismo, pelo sacramento da ordem, que configura a Cristo sacerdote e pastor, pelo sacramento do matrimônio, que faz de dois o sacramento vivo das núpcias entre Cristo e a Igreja, e pelo sacramento da unção,

Se, para aqueles que têm fé, a economia sacramental se apresenta como “o lugar mais denso da contemporaneidade de Cristo” através do qual Ele se relaciona com os seus, há de se perceber outro lugar, mais anônimo, acessível a toda pessoa humana (inclusive àqueles que ignoram o Ressuscitado), no qual o Ressuscitado se oferece: a história dos sofrimentos do mundo.<sup>109</sup> Não há sofrimento no mundo que seja desconhecido por Deus, uma vez que ele experimentou os sofrimentos deste mundo (1Pd 5,1). Ele se torna presente de maneira misteriosa, por meio de seu Espírito, nos sofredores de nossa história: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). O Crucificado se faz presente nos sofrimentos dos crucificados da história, sendo solidário com eles, oferecendo-lhes sua força: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). Este Jesus, presente no sofrimento do povo, por sua vez, suscita no coração dos seus discípulos a capacidade de uma vida de serviço e sacrifício em favor dos irmãos e irmãs. O discípulo que, como Cristo, vive o seu sofrimento em solidariedade com os outros sofredores é uma presença de Cristo no mundo, pois, como afirma Bruno Forte, “um sofrimento, vivido em solidariedade com os outros e oferecido por amor, é uma presença real de Cristo na história dos homens”.<sup>110</sup> Esta presença do Crucificado, presente na história do sofrimento, deve, portanto, ser uma presença de esperança, uma oportunidade para se completar na nossa carne o que falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1,24), na certeza de que, através da Páscoa de Cristo, haveremos de vencer o sofrimento.

O Espírito é aquele que possibilita perceber Cristo como nosso contemporâneo, alguém próximo a nós, com o qual nos relacionamos e que toca a nossa existência, elevando-a: “Se Cristo é o exegeta do Pai, o Espírito Santo é o exegeta do Filho, aquele que atualiza as palavras de Cristo ensinando-nos todas as coisas”.<sup>111</sup> É a presença do Espírito que atualiza, perpetuando as palavras de Cristo em cada tempo histórico. E, por atualizar as palavras de Cristo no tempo, atualiza também a salvação de Cristo na história, de forma que o ser humano, no

---

que sustenta os enfermos e os torna partícipes do valor salvífico do sofrimento do Redentor.” Cf. FORTE, B., *Introdução à fé*, pp. 69-70.

<sup>109</sup> Cf. Id., *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 348.

<sup>110</sup> Ibid., p. 348.

<sup>111</sup> Id., *Teologia da história*, p. 97.

seu tempo histórico, pode alcançar a salvação oferecida na pessoa de Jesus de Nazaré. A ação do Espírito atualiza de forma dinâmica a ação salvífica do Eterno.

Não se trata de uma simples extensão da mente ao passado, privado de um conteúdo real, mas de um movimento de representação pelo qual aquilo que se deu uma vez para sempre se faz presente no hoje da comunidade celebrante para tocá-la e contagiá-la pela sua eficácia.<sup>112</sup>

A celebração litúrgica, realizada pela força do Espírito, se torna, assim, espaço para que a salvação toque o ser humano. O sacramento atualiza o encontro pessoal com Cristo e confere ao ser humano a graça da salvação do Pai, dada neste encontro por meio do Espírito. É, neste sentido, que Forte vai desenvolver a doutrina dos sacramentos como atualização, por meio do Espírito, da salvação de Deus em Cristo e afirmar que, desta forma, o *ethos sacramental* é, ao mesmo tempo, *ethos trinitário*. No encontro com Cristo, por Ele e Nele, o ser humano se enraíza no mistério trinitário de Deus, tornando-se participante do diálogo amoroso das pessoas divinas; “é o Espírito aquele que faz entrar no diálogo eterno do amor, próprio da condição filial”.<sup>113</sup> O ser humano vê-se participante das relações amorosas de Deus e, criado à imagem do Filho, recebe o amor divino que o santifica e salva: “é graças à missão do Espírito Santo que a história é o lugar da realização e da representação sempre nova do mistério salvífico e, por isso, graças ao Consolador, o hoje do homem pode tornar-se pleno da graça do amanhã de Deus”.<sup>114</sup> A salvação torna-se uma possibilidade para todos e à qual todos são chamados a responder, numa atitude de acolhida da livre gratuidade de Deus.

Enfim, conforme apresenta Bruno Forte, a presença de Cristo se faz atuante hoje na história humana. E, mais, poderá ser experimentada mediante o Espírito que atualiza no tempo a presença do Crucificado-Ressuscitado:

Graças ao Espírito a experiência do Ressuscitado, feita pela comunidade apostólica nas origens da Igreja, poderá sempre ser vivida, enquanto transmitida e atualizada na fé, no culto e na comunhão do povo de Deus peregrino no tempo.<sup>115</sup>

<sup>112</sup> FORTE, B., *L'eternità nel tempo*, p. 203. Neste mesmo sentido, o teólogo napolitano afirma: “O evento pascal da morte e ressurreição do Senhor – hora suprema e definitiva da nossa salvação – vem tornar-se atual, contemporâneo ao hoje da Igreja no concreto da sua situação histórica, graças à ação do Espírito consolador, que é a viva memória de Deus por nós.” Consultar FORTE, B., *L'eternità nel tempo*, p. 203.

<sup>113</sup> Id., *L'eternità nel tempo*, p. 250.

<sup>114</sup> Ibid., p. 255.

<sup>115</sup> Id., *La Chiesa della Trinità*, pp. 168-169.

É preciso reconhecer e fazer esta presença Dele em nosso dia-a-dia, aderindo a Ele numa atitude de fé. Aquele que acolhe a presença de Cristo, que nos é contemporâneo mediante o seu Espírito, “torna-se filho no Filho, pregusta a paz da comunhão trinitária, aprende, ainda que na dureza do tempo penúltimo e na fadiga da fé, a amar e a esperar em sintonia com o coração de Deus”<sup>116</sup>. Entrar em comunhão com o Filho mediante o Espírito é mergulhar no ser trinitário de Deus e banhar-se de seu amor. E, desta forma, se percebe que a doutrina sobre o Espírito Santo não é, em primeiro lugar, um conjunto de afirmações sobre Ele. O Espírito coloca em luz o mistério do Pai e do Filho, permanecendo o Silêncio no qual o Silêncio original e a Palavra se encontram. Mas, por outro lado, com a doutrina do Espírito Santo, verifica-se que, se o Espírito não se revela em primeira pessoa, como o Pai e o Filho, nada que se pode conhecer sobre ambos se conhece sem que seja por meio do Espírito.<sup>117</sup> O Espírito, que não é subordinado a Cristo, mas que, no ser divino, está em paridade com ele<sup>118</sup>, nos abre à presença de Cristo, que nos enche de esperança, acende em nós a fé e inflama, em nossos corações, a caridade. Reconhecer a contemporaneidade de Cristo na história é, enfim, valorizar a história, reconhecer a presença e a ação do Deus Trino nela e se empenhar na história humana para que, mediante o Espírito de Cristo, que faz novas todas as coisas (Ap 21,5), tudo encontre em Cristo a sua plenitude.

---

<sup>116</sup> Ibid., pp. 349-350.

<sup>117</sup> MÜHLEN, H., O evento Cristo como obra do Espírito Santo in *MS III/8*, pp. 5-9.

<sup>118</sup> DH 150.